

Com base nos novos avanços das Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC), o diálogo se fortificou entre diversos segmentos sociais. A visibilidade foi o maior benefício colhido nessa nova fase da experiência humana. Porém, temos aberto novos caminhos para que se forjem mentiras, vestidas com as roupas da verdade. Temos, assim, notícias que se constroem com base em conteúdos falsos ou falseados, tendenciosos, customizados e disseminados com afincos nas redes sociais, que são repetidas até que sejam aceitas como legítimas.

A responsabilidade dos profissionais da informação toma uma nova dimensão, recuperando mais uma vez o discurso de Ortega y Gasset, apontando-nos a missão especialmente árdua de verificar a veracidade, interpondo-se entre “a torrente” e selecionando os conteúdos legítimos a partir das evidências de suas fontes. A Filosofia, conhecimento que recentemente foi apontado como acessório e perfunctório pelas maiores autoridades políticas da educação de nosso país, ainda é a bússola que aponta para as questões mais prementes da vida em sociedade.

A Ciência da Informação, assim como os demais campos do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, tem conhecido dias de grandes dificuldades no Brasil, no ensino, pesquisa, extensão e empregabilidade dos egressos de seus programas de formação. Nos vemos diante de muitos desafios, como pesquisadores, trabalhadores e cidadãos. É que, embora não tenhamos consciência, a vida tem aspectos que não cabem em discursos, sejam eles científicos, políticos ou religiosos.

Ainda existem conteúdos e conhecimentos tácitos que não são passíveis de sistematização, ou seja, não podem se tornar explícitos. Neles, reside o valor da vida em comunidade, seus êxitos e desacertos, sua paz e seu conflito. Quando os cientistas são considerados “inimigos do povo”, a questão vai muito além de uma mera peça de Ibsen. Libelos à ciência, sobretudo às Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, têm sido reduzidos e confundidos com questões de disputas no campo político.

O conhecimento, por suposto que seja muitas vezes subjetivo, não pode ser considerado inútil pelo simples critério da praticidade, da produtividade e da lucratividade. Afinal, isso criaria um conflito entre os objetivos da evolução tecnológica, que são a liberação da humanidade para uma vida segura e sem atividades penosas, para a qualificação do fazer e viver das pessoas nesse tempo e espaço “liberado” pelas tecnologias. O ser humano se distingue dos demais viventes do planeta pela subjetividade, e justamente esse aspecto do conhecimento atribui o sentido para a vida. Basta, para tanto, vislumbrar a fruição e as antecipações da Arte e da Filosofia, suas visões e experiências, em relação aos conhecimentos explícitos que hoje integram os maiores avanços científicos da humanidade.

A ConCI segue, abrindo caminho para o debate e a produção plural de seus colaboradores, para que cada um de seus leitores estabeleça sua própria síntese. Acreditamos na pluralidade, na diversidade, mas sobretudo na força do diálogo. O conhecimento científico que se constrói conectivamente e dialogicamente, cresce forte e alia forças que emanam dos diferentes segmentos da sociedade, em busca da redução das incertezas. Desejamos desde já uma boa leitura.

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari

